

## FOUCAULT E A EDUCAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO

*Foucault and education: the contributions of the aesthetics of existence to education*

Maria Jordana de Brito Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as contribuições da estética da existência em Foucault para o âmbito da educação. Inicialmente será apresentado, em linhas gerais, os três domínios de sua produção teórica: Arqueologia do Saber, Genealogia do Poder e Estética da Existência. Posteriormente, será exposto mais profundamente a terceira fase de sua obra, destacando as ideias acerca do conceito do Cuidado de Si e a sua relação com o ambiente escolar e a formação docente. A estética da existência caracteriza-se como o terceiro domínio foucaultiano e concerne na ideia da vida como obra de arte, onde por meio das práticas de si, cuidado de si, governo de si, *parrhesia* e exame de consciência o sujeito torna-se capaz de estilizar sua existência, moldando sua vida e sendo artesão de si mesmo. Os apostes teóricos que fundamentam a pesquisa, além do Michel Foucault, são: Veiga-Neto (2016), Brandão (2011), Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009), entre outros autores. Esses correlacionam a obra do Filósofo Michel Foucault com a Educação. A partir da relação estabelecida entre a Estética da Existência e a Educação, percebeu-se que a escola têm sido, desde a sua fundação até os dias de hoje, um espaço que prioriza a disciplina e a normatização. Portanto, faz-se necessário introduzir nesse espaço saberes que possibilitem um novo modo de formar os sujeitos para que esses sejam conscientes e desfrutem da sua liberdade, que por muitas vezes lhes é retirada.

**Palavras-Chave:** Estética da Existência. Cuidado de si. Subjetivação. Educação.

### ABSTRACT

This article aims to present the contributions of Foucault's aesthetics of existence to the field of education. Initially, the three domains of his theoretical production will be presented, in general terms: Archeology of Knowledge, Genealogy of Power and Aesthetics of Existence. Subsequently, the third phase of his work will be exposed in more depth, highlighting ideas about the concept of Self-Care and its relationship with the school environment and teacher training. The aesthetics of existence is characterized as Foucault's third domain and concerns the idea of life as a work of art, where through self-practices, self-care, self-government, parrhesia and examination of conscience the subject becomes capable to stylize your existence, shaping your life and being your own artisan. The theoretical approaches that underlie the research, in addition to Michel Foucault, are: Veiga-Neto (2016), Brandão (2011), Barcelos, Rabelo and Rodrigues (2009), among other authors. These correlate the work of Philosopher Michel Foucault with Education. From the relationship established between the Aesthetics of Existence and Education, it was realized that the school has been, since its foundation until today, a space that prioritizes discipline and standardization. Therefore, it is necessary to introduce into this space knowledge that enables a

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Participou do Programa de Iniciação Científica Voluntária-ICV/UFPI. Mestranda em Filosofia pela UFPI. E-mail: jordanagomezz25@gmail.com

new way of training subjects so that they are aware and enjoy their freedom, which is often taken away from them.

**Keywords:** Aesthetics of Existence. Take care of yourself. Subjectivation. Education.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo principal investigar a partir do aporte teórico de Michel Foucault o conceito de Estética da Existência e a sua contribuição para a educação. A estética da existência, terceiro domínio de Foucault, é definida por ele como o princípio ético do sujeito de se autoconstituir a partir da sua subjetividade. Este princípio, segundo o filósofo francês, proporciona ao sujeito uma estilização da sua vida, transformando-a em uma obra de arte. Com o domínio de alguns saberes e técnicas de si, o sujeito passa ter domínio de si, desenvolvendo a arte da existência e alcançando a autonomia e liberdade, formando, assim, uma arte de viver (FOUCAULT, 2010).

Esse domínio, portanto, tem uma estreita ligação com o conceito de cuidado de si e governo de si, um preceito resgatado dos antigos gregos. Cuidar de si é modificar o olhar do exterior para si, ou seja, é enxergar a si mesmo, enxergar o seu interior, ou melhor, a sua alma. Governo de si é ter domínio de si (FOUCAULT, 2010). Furtado (2013, p. 54) salienta que o governo de si surgiu das as práticas da antiguidade e que seria “[...] modo de existência caracterizado por ações e discursos, através dos quais indivíduos buscariam estabelecer consigo relações de autonomia, a fim de atingir um estado de plenitude e satisfação”. Foucault considera a possibilidade do indivíduo se constituir como sujeito ético a partir desses conceitos.

Através do entendimento e prática de tais saberes vinculados ao cuidado de si e governo de si o sujeito poderá, enfim, adotar um modo de ser diferente do que é exigido ou imposto pela sociedade, ou seja, diferente dos modos de ser baseados, sobretudo, na disciplina e na formação de “corpos dóceis”<sup>2</sup>, onde todos os indivíduos são submetidos às imposições e levados a atingir uma forma de moral padrão, considerável na visão da sociedade. O modo pelo qual buscava-se corrigir e formar as pessoas foi compreendido por Foucault como uma forma de manipulá-las e controlá-las.

Para Foucault (2010) a liberdade é uma condição da estética da existência. O indivíduo precisa romper com os paradigmas dos modos de existência submetidos para

---

<sup>2</sup> Foucault fala do corpo como objeto e alvo do poder, portanto, os “corpos dóceis” seriam corpos manipulados pelo poder. Segundo Revel (2005, p. 310) [...] as análises de Foucault nos anos 70 buscam antes de tudo compreender como se passou de uma concepção do poder em que se tratava o corpo como uma superfície de inscrição de suplícios e de penas a uma outra que buscava, ao contrário, formar, corrigir e reformar o corpo.”



que se relacione consigo, se autoconstituindo em sua própria subjetividade. Tal liberdade é alcançada através da prática do cuidado de si, pois de acordo com o filósofo francês, somente quem cuida de si e governa a si mesmo pode tornar-se livre, deixando de ser escravo dos seus desejos e submissões.

O estudo dessa fase para a educação torna-se relevante à medida que a escola é um espaço onde os sujeitos passam boa parte das suas vidas, se formando enquanto cidadãos e aprendendo a relacionar-se uns com os outros; e através dessas noções resgatadas por Foucault podem aprender a relacionar-se consigo, aprimorando o seu relacionamento com os seus pares. Embora o espaço escolar seja cercado de discursos e práticas que privilegiam a disciplina e o cumprimento de regras e que, em partes, comprometem a construção de uma subjetividade constituída pelo próprio indivíduo, tanto os alunos como os professores podem tornar-se protagonistas da sua própria constituição.

As metodologias tradicionais ainda permeiam as salas de aula. Há uma resistência por parte de muitos professores quanto à participação ativa dos alunos durante as aulas. Esse tipo de abordagem não abre espaço para debates e críticas, mas, cultiva uma formação ‘engessada’ dos indivíduos, não permitindo autonomia, liberdade e tampouco a constituição de uma subjetividade que não esteja moldada por um processo de docilização<sup>3</sup>. Por outro lado, há o cuidado si, que baseado em uma busca por liberdade, pode contribuir para uma educação mais rica em experiências, levando os indivíduos a conhecerem a si mesmo e sobretudo a superarem essas práticas de docilização e mecanismos doutrinadores.

Portanto, este trabalho tem como finalidade apresentar uma nova perspectiva sobre o ensino e a formação dos indivíduos e, sobretudo, fazer uma reflexão acerca dos mecanismos de poderes e saberes existentes em nossa sociedade, os quais assujeitam educandos e até mesmo os educadores. Além disso, incentivar educadores a cultivar em si e em seus alunos o pensamento crítico e questionador, objeto capaz de transformar a educação. Esse objetivo será bem-sucedido se os docentes compreenderem a importância de práticas como essas para a quebra de alguns mecanismos de submissão e disciplina os quais fazem deles sujeitos presos nas amarras do poder doutrinador e controlador.

A princípio será caracterizado os três domínios foucaultianos, de forma resumida,

---

<sup>3</sup> Docilização é o processo de transformar os sujeitos em “corpos dóceis”, corpos sujeitos à manipulação e controle do poder (FOUCAULT, 2014)

no intuito de contextualizar o pensamento do filósofo e relacioná-lo à educação. Posteriormente, será abordado mais profundamente o conceito de estética da existência, cuidado de si, governo de si e *parrhesía*, articulando com a educação, a fim de explorar e apresentar outros modos de se fazer na formação docente e na educação, possibilitando, desse modo, a criação de novas estratégias de ensino que levem a criação, a liberdade, a reflexão e a não reprodução do conhecimento e de modos de ser.

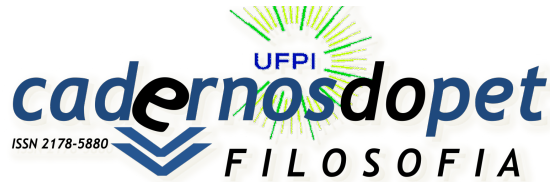
Nessa perspectiva, esta pesquisa buscará, na produção teórica de Foucault (2010), especificamente em seu terceiro domínio que trata da estética da existência, e de autores comentadores como Veiga-Neto (2016), Muchail (2018), elementos que contribuam para formação a educação e para a formação docente.

### **A estética da existência em Foucault**

Michel Foucault é um filósofo contemporâneo que dedicou-se em estudar à princípio o comportamento humano, no que se refere a loucura e personalidade. Posteriormente, seguiu suas investigações buscando compreender as relações de poder e saber articuladas à constituição do sujeito, chegando à noção do cuidado de si. A produção teórica de Foucault faz uma análise da contravenção do limite social imposto sobre as pessoas. Ele mostra como os jogos de imposições funcionam dentro da sociedade e como elas constroem a modernidade e, respectivamente, o sujeito moderno. Logo, o seu estudo centra-se na formação do sujeito, onde procura explorar os discursos, as normas, os paradigmas e as imposições sociais que o forma, a fim de compreender os mecanismos de poder que atravessam a sua constituição.

Para isso, Foucault traça um caminho teórico que se inicia com o seu primeiro domínio chamado Arqueologia do Saber, onde observa e descreve os discursos criados ao longo dos tempos, os quais foram transformados em saberes capazes de assujeitar os indivíduos. O segundo domínio denominado como Genealogia do Poder faz uma análise das práticas de poder existentes na sociedade e explica que por meio dos saberes o poder foi instituído e instalado no mundo. O terceiro domínio trata-se da Estética da existência, onde ele busca nos antigos gregos a noção do sujeito se auto constituir através das práticas de si mesmo (VEIGA-NETO, 2016).

Foucault (2010) estuda a estética da existência a partir da antiguidade greco-romana, recorre aos gregos antigos do estoicismo, epicurismo e cínicos e fundamenta-se em filósofos como Sócrates, Demetrius. Ele descreve em seus estudos o conceito de estética da existência que é o modo como cada indivíduo se constitui como sujeito, o



modo de vida que cada um constrói alicerçado nas experiências vividas consigo mesmo e com os outros durante toda sua vida. O filósofo francês nos convida a fazer da constituição da nossa própria subjetividade um objeto para se refletir. Essa reflexão deve partir do reconhecimento da nossa atual situação enquanto sujeito na sociedade. Compreender de que modo se dá a nossa constituição, talvez seja um bom começo para iniciar uma transformação de si por si mesmo. Segundo Mota, para Foucault “[...] o sujeito é constituído mediante um jogo de forças protagonizado pelas imposições exteriores (práticas coercitivas) oriundas das relações de saber e de poder, e pelas relações intersubjetivas (práticas de liberdade) com si mesmo e com os outros (MOTA, 2018, p.29).

Mas como pode ser possível o sujeito constituir sua subjetividade de outra forma que não seja essa? Foucault aponta que isso é possível criando novos modos de subjetivação através das práticas de si, da estética da existência. A estética da existência é, nada menos que, a constituição de um estilo de vida pelo próprio indivíduo, onde ele torna-se artesão de si mesmo. Nessa constituição o sujeito é quem determina para si mesmo tanto as regras de condutas como seus desejos, suas opiniões, seus valores e sua moral, ou seja, ele molda-se na relação consigo mesmo.

Nesse domínio, portanto, Foucault procura explicar em suas discussões o modo como o indivíduo pode autoconstituir-se enquanto sujeito, ele busca minuciar o caminho que direciona o indivíduo para tal momento. Ao descrever este caminho, Foucault observa que é na relação consigo mesmo que o indivíduo se transforma em um sujeito ético de uma conduta moral. Tal transformação seria resultado da prática de diversas “técnicas do eu”, o qual conduz o sujeito à modos diferentes de viver, produzindo assim a estética da existência. Eis a fundamentação do conceito de ética na percepção foucaultiana, um sujeito ético se constitui na relação consigo mesmo (FOUCAULT, 2010).

Aqueles que desejassem determinar para a sua vida um relacionamento consigo precisava estabelecer um trabalho de si sobre si mesmo, ou melhor, um treinamento de si o qual era praticado através de uma *askésis* (prática). Por intermédio dessa prática o indivíduo tornava-se capaz de se constituir eticamente como sujeito de seus atos. O cuidado de si, portanto, “[...] designa uma atitude geral, uma forma de atenção e determina ações de caráter purificador e transformador. Como atitude geral, diz respeito a um modo específico de encarar as coisas e de se ocupar consigo, com os outros e com o mundo”

(MOTA, 2018, p. 35).

A estética da existência, entendida como ética do cuidado de si, possibilita ao indivíduo uma transformação onde ele torna-se o que nunca foi. Essa transformação ocorre por meio das técnicas realizadas pelo indivíduo, sobre si mesmo, em seu corpo, sua alma, seus pensamentos e condutas, ele corrige seus males interiores, aprende a lidar com eles e torna-se livre deles. Em relação a prática de si e seu papel na constituição de um sujeito ético Foucault afirma:

A prática de si impõe-se sobre o fundo de erros, de maus hábitos, de deformação e de dependência estabelecidas e incrustadas, e que se trata de abalar. Correção-liberação, bem mais que formação-saber: é nesse eixo que se desenvolverá a prática de si, o que, evidentemente, é fundamental. Trata-se da carta 50 de Sêneca a Lucílio, em que diz: ora, não se deve acreditar que o mal foi imposto a nós do exterior; não está fora de nós (*extrinsecus*), está em nosso interior (*intra nos est*). [...] na prática de nós mesmos, devemos trabalhar para expulsar, expurgar, dominar esse mal que nos é interior, nos libertar e nos desembaraçar dele (FOUCAULT, 2010, p.86).

A estética da existência, ou arte de viver, como já vimos, possui uma ligação direta com os princípios delfico *gnothi seautou* (conhece-te a ti mesmo) e do ascético *epimeleia heatou* (cuida de ti mesmo) greco-romano. O cuidado de si na antiguidade concernia em diferentes práticas as quais o indivíduo deveria utilizar a fim de transformar-se em um sujeito de uma conduta moral. Tais práticas envolviam cuidado com o corpo e mente, leitura, domínio de si, exames de consciência etc., e tinham como finalidade o alcance de uma liberdade, pois para Foucault só é possível deixar de ser escravo dos próprios desejos aquele que cuida de si, sendo a *epiméleia heatou* (cuidado de si) entendida como um exercício de liberdade, ou para o alcance dela. Sobre o cuidado de si Foucault afirma que:

A *epiméleia heatou* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo. [...] é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se conduza do exterior para... eu ia dizer “o interior”; deixamos de lado essa palavra [...] e digamos simplesmente que é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. [...] designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos (FOUCAULT, 2010 p.11-12).

Partindo desses princípios, Foucault apresenta algumas técnicas antigas atribuídas às práticas entre o mestre e os discípulos e também práticas onde o sujeito relaciona-se consigo mesmo. Entre elas destacam-se *as cartas aos amigos, os exames de consciência e ascese* (como domínio de si mesmo) e a *Parrhesia*. Segundo VEIGA-NETO (2016), tais técnicas concerniam em análise diária das suas próprias ações, retiro espiritual, meditação,



ginástica, práticas de leitura, escrita, fala, escuta, etc. e eram necessários para a realização de uma prática de si, ou seja, os indivíduos que as realizassem eram capazes de se autoconstituírem, tornando-se artesões se si mesmo, estilizando suas vidas, suas existências.

Ao relacionar-se consigo mesmo, nesta perspectiva das técnicas do cuidado de si, o sujeito torna-se capaz de pensar sobre suas ações e, a partir disso, analisar os efeitos delas sobre si e sobre os outros. Isso é possível, por exemplo, quando o sujeito pratica *o exame de consciência*. Essa técnica consiste em uma autoreflexão das nossas próprias ações. Ela propõe que ao fim de cada dia, antes de dormirmos, resgatemos de nossa memória todas as nossas ações, boas e ruins, para refletirmos sobre os efeitos dela em nossa vida e na vida das pessoas ao nosso redor. No dia seguinte, devemos procurar não repetir aquelas ações que julgamos ruins no ato de nossa reflexão. De acordo com Brandão (2016 p. 40), esse exame que realizamos da nossa consciência “Trata-se, portanto, não de buscar uma culpabilidade devido a um possível desvio da conduta, mas de observar a maneira pela qual o que se fez - suas ações - se ajusta àquilo que deveria ter sido feito”.

A *Parrhesía* também é apontada por Foucault como uma técnica de si, é uma “[...] uma atitude de franqueza de pensamento, de coração e de palavra. Em outros registros, a *parrhesía* é referida como uma virtude, um dever e, ainda, uma modalidade de dizer a verdade” (MOTA, 2018, p. 36). Dizer a verdade, falar franco são ações indispensáveis para aqueles que buscam uma transformação de si. Para Foucault a transformação do indivíduo por ele mesmo o direciona à verdade, ou melhor, para ter acesso a verdade é necessário haver uma mudança do seu modo de ser, é imprescindível que o sujeito conheça a si mesmo, cuide de si mesmo. À medida que o indivíduo cuida de si mesmo ele aproxima-se da verdade, torna-se livre e capaz de desempenhar seus deveres enquanto sujeito dentro de uma comunidade. Foucault afirma:

Aquele que tiver se ocupado consigo como convém – isto é, aquele que tiver efetivamente analisando quais são as coisas que dele dependem e quais as que não dependem – ao ter cuidados consigo de tal maneira que, se alguma coisa vier à sua representação, saberá o que deve e o que não deve fazer, este saberá, ao mesmo tempo, cumprir os seus deveres enquanto parte da comunidade humana. Saberá cumprir seus deveres de pai, de filho, de esposo, de cidadão, etc., precisamente porque terá se ocupado consigo (FOUCAULT, 2010 p.177-178).

Vale destacar que a estética da existência não impõe uma obrigação moral, ela é

uma prática racional e voluntária e apresenta ao indivíduo uma possibilidade de uma transformação de vida através do trabalho dele sobre si, onde ele pode tornar-se um artesão de si, fazendo do seu corpo e da sua vida uma verdadeira obra de arte. Nessa prática, o próprio sujeito é quem dita as regras de conduta para a sua vida e escolhe para si um estilo de existência, baseando-se nas suas experiências e suas descobertas sobre si mesmo.

A prática de si é um método que prepara o indivíduo para enfrentar os problemas interiores, pessoais, sociais e afetivos. Tais dificuldades fazem parte desse processo e são vistas como suporte para que o homem construa sua identidade e seu modo de viver, uma vez que ele trabalha sobre suas imperfeições. Conforme o indivíduo vai adotando para sua vida tal prática, ele molda-se e transforma-se em um ser melhor, consciente e racional, capaz de lidar com os problemas da vida cotidiana. A partir desse cuidado de si ele passa a ser apto para cuidar e lidar com os outros. Com as práticas de fala, escuta, escrita, leitura, exames de consciência, *parrhesía*, o indivíduo tornar-se um ser ético, praticante da verdade, conseqüentemente, tais práticas refletirão em suas atitudes para consigo mesmo e aqueles que estão em sua volta.

A estética da existência, no que lhe concerne, mostra ao indivíduo que ele está sendo sujeitado, contribuindo, assim, para a quebra desses paradigmas e permitindo que o sujeito livre-se dos grilhões, os quais os prende e os controla dentro dos dispositivos sociais<sup>4</sup>. Ela tem como propósito auxiliar o homem na construção do eu, mostrando-lhes uma possibilidade de viver de um modo diferente a ponto de encontrar sentido em sua vida. Apresenta também, ao indivíduo, uma oportunidade de enxergar a vida de forma racional, onde ele aprende a relacionar-se consigo e com os outros da maneira mais satisfatória e positiva.

### **A estética da existência e a educação: um caminho que leva à liberdade e à autonomia**

Diante do estudo realizado sobre o conceito de estética da existência, do cuidado de si e governo de si, pode-se afirmar uma relação próxima com o contexto escolar e a formação docente. O espaço escolar é cercado pelas relações de saber e poder, e funciona como um mecanismo formador dos sujeitos. É nesse espaço que o sujeito é constituído para atuar como cidadão na sociedade. É um espaço onde o ensino e a aprendizagem

---

<sup>4</sup> Dispositivo para Foucault “[...] designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder” (REVEL, 2005, p. 39).





fazem pouso e, portanto, é onde os indivíduos deveriam aprender a relacionar-se e conviver com os outros, trocar experiências pessoais, fazer grandes descobertas, criar laços de afetos, despertar a criatividade e a imaginação, e desenvolver-se em diferentes pontos de sua vida.

Segundo Veiga-Neto (2016), o pensamento foucaultiano passa a exercer influências na educação a partir dos impactos gerados após a publicação da edição brasileira de Vigiar e Punir, em 1977. Em 1982, Foucault ministra o curso *A hermenêutica do sujeito* no *College de France*, onde apresenta reflexões sobre a noção do cuidado de si e sobre as possibilidades da constituição de si. Investigando tais conceitos, ele chegou a conclusões que envolviam a subjetivação, as quais possuem relações bem aproximadas do cenário educacional da época. Segundo Freitas (2012), embora em 1990 o cenário educacional tenha sido marcado pelas reflexões sobre as práticas de subjetivação, as discussões relacionadas a formação do sujeito ético a partir do cuidado de si permaneceram abstraídas dentro do contexto da educação.

Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009, p.13) afirmam: “Concebemos o cotidiano escolar e as relações que são estabelecidas entre os seus sujeitos como lócus para experiências incomuns, aquelas que possam ser ampliadas e que ultrapassem as fronteiras da aquisição de conteúdos, de normalização e de controle”. Embora as instituições escolares sejam cercadas por jogos de poder e de controle e tenha surgido como o objetivo social de disciplinar e formar indivíduos obedientes, corpos dóceis, com o intuito de dominar aqueles que faziam parte deste espaço, professores, alunos, diretores etc., hoje elas têm um potencial de proporcionar experiências capazes de ultrapassarem as metodologias conteudistas e controladoras.

Por ser um espaço onde relações são estabelecidas entre diferentes indivíduos, a escola é um lugar onde as pessoas encontram outras com histórias e experiências comuns com as suas, portanto é um espaço gerador de experiências da pluralidade. A experiência é vista por Larossa (2002, p. 21) como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A pluralidade produz os deslocamentos coletivos, ou seja, ela é um mecanismo para a superação da unidade. Logo, os sujeitos podem ser movidos pelas experiências éticas e estéticas, que são fatores determinantes para a formação do sujeito que aceita e respeita as diferenças e a variabilidade que encontra nos espaços escolares.

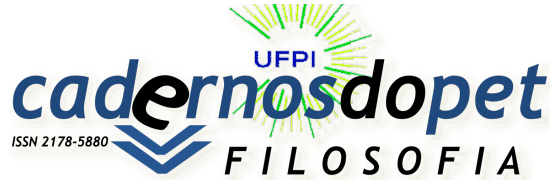
Sobre o pluralismo, Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009. p. 14) pontuam: “a

educação que vislumbramos só pode de fato ter significado se estiver ancorada na existência de um pluralismo, tanto no sentido das linguagens quanto no âmbito cultural”. Nesse contexto, quando há a possibilidade de constituição de diferentes “modos de ser” dentro do ambiente escolar e os sujeitos que fazem parte desse ambiente podem ser livres para constituir a si mesmos como sujeitos autônomos, baseados em suas experiências pessoais, em sua própria linguagem e cultura, e não estão sujeitos à um único um “modo de ser” estabelecido, podemos dizer, então, que a educação está ancorada neste pluralismo.

A escola surgiu como um dispositivo de poder cujo seu principal foco era corrigir as pessoas, docilizar os corpos, controlá-los e formar indivíduos disciplinados, ou seja, a escola apresentou-se como um mecanismo de poder, tendo como foco formar os indivíduos conforme as necessidades da sociedade e os tornar submissos à ela e aptos para servi-la. Atualmente, ainda existem instituições escolares que apoiam suas metodologias nessa concepção de educação estabelecida à princípio, embora a educação tenha sofrido diferentes revoluções e transformações até aqui. Os sujeitos os quais são formados nesses espaços que embasam suas metodologias em práticas docilizadoras são privados de viver livremente como protagonistas do seu próprio ser e de compartilhar experiências subjetivas, e isso contribui para a constituição de sujeitos sem repertório de vivências, embora recebam desses lugares muitos conteúdos.

Segundo Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009, p. 9) “A escola é uma invenção moderna, que se cristalizou no nosso imaginário como a instituição onde se dá a Educação por excelência, ainda que essa associação se faça levando em conta a transmissão de conteúdos.” Eles afirmam ainda ser muito difícil pensar a Educação como uma experiência, ou seja, ela estaria comprometida mais com o ensino “conteudista” do que com a formação ética dos indivíduos e a valorização de suas experiências. A educação comprometida com as experiências ultrapassa as articulações entre teoria e prática, ciência e técnica.

Embora o papel da escola, assim como desde o seu surgimento, esteja ainda limitado à transmissão de conteúdo e ao controle dos indivíduos, é necessário refletir sobre as consequências que essas limitações provocam na formação dos sujeitos e criar estratégias a fim de superá-las e rompê-las. Um sujeito formado meramente por conteúdos, matérias e através de práticas doutrinadoras não desfruta da liberdade, pois tem sua subjetividade constituída a partir do processo de docilização e não por meio de experiências consigo mesmo.



Diante do exposto e do estudo realizado sobre o terceiro domínio de Foucault, levanta-se alguns questionamentos quanto a estética da existência e as suas contribuições para a formação docente: Como podemos pensar em uma formação docente baseada no princípio ético da estética da existência? De que forma o professor pode orientar seus alunos afim de que os mesmos também pratiquem o cuidado de si, e tornem-se seres livres e éticos? Como o cuidado de si pode contribuir para uma educação libertária e rica de experiências?

À princípio, há uma urgência de questões a serem esclarecidas até que o docente tenha liberdade plena para exercer o seu papel como professor de forma significativa e conseqüentemente apresentar aos seus aprendizes a liberdade plena, construindo sua subjetividade. Ele deve livrar-se das amarras que o prende na imagem do professor autoritário/superior, onde suas ações resumem-se em apenas falar e não escutar, e introduzir em sua prática docente outros modos e estilos de vida, procurando entender cada aluno de acordo com a sua realidade e singularidade, orientando-os de modo que os transformem em sujeitos melhores. E é através da prática de algumas técnicas de si, abordadas anteriormente nesta pesquisa, que ele será capaz de moldar o seu ser e orientar os aprendizes a fazerem o mesmo, oportunizando momentos em eles possam ter experiências consigo mesmo.

Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009, p. 12) apontam que “Segundo Foucault (1983), a estética da existência não só abre a possibilidade de um caminho singular capaz de conduzir a ação de um indivíduo, como também produz mudanças neste indivíduo”. Ao praticar o cuidado de si, fazer de sua vida uma obra de arte, o professor torna-se um ser melhor, a ponto de ter uma relação excelente com ele mesmo e conseqüentemente com os outros. Ao se auto constituir, ele passa a ter o domínio de si, das suas emoções, desejos e atitudes e pode desfrutar da sua autonomia e liberdade, tornando-se capaz de conduzir melhor sua vida e conseqüentemente sua sala de aula.

Segundo Barcelos, Rabelo e Rodrigues (2009, p. 12) “a estética da existência, sob o signo do cuidado de si e da transformação da existência em uma espécie de exercício permanente, define os critérios estéticos e também éticos do bem viver.” Portanto, o cuidado de si, uma vez praticado de forma constante, possibilita ao indivíduo uma resistência quanto aos mecanismos dominadores da sociedade, uma vez que o faz definir em sua vida critérios estéticos e éticos da arte de viver, baseados nas suas experiências e

não nas imposições da sociedade, as quais dispõem do objetivo de moldá-lo e o tornar dócil.

A arte de viver torna os sujeitos livres das regras, códigos, prescrições e modelos de vida impostas. Tratando-se da formação docente, o professor ao praticar o cuidado de si, passa a desviar-se das repetições doutrinadoras impostas no ambiente escolar, procurando não fundamentar a sua prática em modelos prontos de docência. Fundamentando-se nas experiências, ele oferece ao aprendiz a liberdade para expressar-se, ter acesso às práticas culturais e sociais e proporciona momentos de reflexão e expressão, possibilitando aos educandos o conhecimento de si mesmo.

A constituição da subjetividade pautada na experiência que o sujeito tem consigo mesmo, tanto do docente como do educando, torna-se possível quando ambos estão dispostos a fugir dos “modos de ser” padrões e a buscarem dentro de si sua verdadeira identidade. Ao levar as práticas de si como o *exame de consciência* e a *parrhesía* para a sua vida o professor poderá moldar-se, auto constituir-se, estilizando seu modo de vida e transmitir esses saberes para os seus educandos com a finalidade de que o mesmo também constitua sua própria subjetividade.

Diante disso, conclui-se que apesar do indivíduo, como já mencionado, sofrer com as sujeições de poderes exteriores, sendo a sua constituição como sujeito dependente dos fatores da exterioridade, o cuidado de si pode ajudar o indivíduo, nesse caso o docente, a preparar-se para receber e lidar com as informações, imposições ou qualquer outro tipo de situação exterior que lhe assola. Aquele que pratica o cuidado de si e torna-se terapeuta de si mesmo, recebe, processa e reage às questões exteriores da maneira mais positiva possível, uma vez que ele conhece a si mesmo, sabe dos seus limites e relaciona-se de maneira proveitosa consigo mesmo, agirá de forma consciente e racional mediante qualquer contexto que tenha que lidar. Esse conhecimento de si é o que Foucault chama de liberdade, ou seja, um indivíduo livre é aquele que domina e conhece a si mesmo.

O espaço escolar é cercado por grandes desafios. O professor, em sua sala de aula, precisa estar na linha de frente de todos os problemas que venham surgir nesse espaço. Consequentemente, deve agir com ética, cautela, paciência, consciência e responsabilidade a fim de que todas os problemas sejam solucionados da melhor maneira para todos os envolvidos. Um docente que pratica as técnicas do cuidado de si saberá reagir diante de qualquer situação que surgir e estará apto para orientar os aprendizes da maneira mais sábia.

A estética da existência, a prática do cuidado de si, pode ser uma alternativa para



os docentes que almejam mais liberdade e autonomia em sua prática. Através dela o professor pode criar novas formas de subjetivação, dispor de liberdade, perceber a importância da construção da subjetividade pelo próprio indivíduo e refletir sobre suas práticas, deixando de ser apenas transmissor de conteúdos curriculares, disciplinador e tornando-se incentivador do pensamento, da reflexão, das experiências. Seu foco não pode ser o alcance de metas impostas, mas sim o desenvolvimento dos alunos como indivíduos livres. Deve agir, portanto, como mestre, ensinando, orientando e corrigindo seus aprendizes de maneira conveniente. Ele deve ser fonte de inspiração para seus alunos, de modo que queiram seguir seu exemplo por tamanha admiração.

A formação docente pautada na estética da existência conduz a autonomia e liberdade. Possibilita ao docente uma reflexão sobre suas ações, ajuda-o perceber se o mesmo está cumprindo seu papel, sua responsabilidade diante da sociedade. O conhecimento e prática da estética existência o auxilia na produção de experiências em suas práticas, dando suporte ao professor a fim de que os aprendizes aprendem a ter voz na sociedade, a pensar sobre política, ética, cidadania, educação e economia.

O cuidado de si mostra ao docente que o mesmo pode resistir ao poder, as sujeições, aos modelos de educar que são impostos. Apresenta à ele a liberdade para escolher o modo de vida, o modo de ser docente que se deseja ter para si e o mostra que a melhor maneira de livrar-se e resistir ao poder: praticando as técnicas de si, relacionando-se consigo si mesmo, conhecendo a si mesmo. A estética da existência contribui para a formação de docentes cada vez mais conscientes de suas ações, éticos, que compreendam seus alunos, suas limitações e fragilidades ao mesmo modo que os orienta a cuidar de si. É necessário cada vez mais refletir sobre as atitudes que os professores, as escolas e os órgãos de poder têm tomado frente as dificuldades e os problemas que surgem na sociedade, principalmente tratando-se da constituição do sujeito. É preciso pensar na construção de um indivíduo livre e reflexivo, e para que isso seja possível é necessário construir uma educação libertária.

### **Considerações finais**

Ao longo desse estudo, pôde-se compreender que a estética da existência é a possibilidade de o indivíduo constituir-se autonomamente, estilizar sua existência e fazer de sua vida uma obra de arte. O cuidado de si ajuda o indivíduo a enxergar as sujeições e

imposições que o mesmo sofre pela sociedade e Estado. Mostra ainda que, os jogos de controle e disciplina do Estado retira liberdade e autonomia dos sujeitos, tornando-os submissos. Contudo, ela apresenta uma maneira de livrar-se dessas amarras através do conhecimento de si mesmo, onde o indivíduo relaciona-se consigo mesmo, tornando-se artesão de sua própria vida.

Quando mencionamos a palavra arte, logo vem em mente a imagem de um objeto ou artista. Portanto, na concepção foucaultiana, essa palavra remete a uma transformação do estilo de vida pelo próprio indivíduo, onde o mesmo pode fazer de sua existência uma verdadeira obra de arte, sendo assim artesão de si mesmo, da sua própria vida, da sua existência. A partir dessa transformação, ele passará reger sua vida com base nos princípios da ética e poderá ser uma pessoa melhor no que concerne a suas atitudes, pensamentos. Tais mudanças irão refletir em seu relacionamento com os outros. Haverá uma melhor interação dele com aqueles que fazem parte da sua vida, do seu dia a dia.

A estética da existência apresenta, portanto, uma possibilidade do indivíduo questionar-se sobre si mesmo, sobre o mundo, sobre aqueles que lhe cercam.

Viver nas repetições e preso à doutrinação e disciplina certamente não trará ao sujeito novas experiências e tampouco permitirá que ele compartilhe as suas com os outros. A partir desse contexto, os professores devem sair da zona de conforto, onde estão acostumando a tão somente repassar conteúdos, disciplinar, e passar a promover a liberdade de pensamento e de expressão para que o próprio aluno produza seu conhecimento e escolha para sua vida um estilo de vida. Desse modo, ao contrário do docente sujeitar o aluno a doutrinação, fazendo dele submisso aos modelos de vida, modelos de estudantes “exemplares”, estará proporcionando a constituição de suas próprias subjetividades.

Ao permitir tais experiências e troca delas no ambiente da sala de aula, o professor possibilitará que o aluno apresente aos demais o seu conhecimento sobre o mundo, seus costumes, sua cultura etc. Desse modo, todos aqueles que convivem neste espaço escolar irão adquirir conhecimentos além daqueles curriculares, aprenderão a lidar e a conviver com as diferenças e respeitarão o modo de vida do outro. Além disso, sabe-se que a escola é um lugar para formação da cidadania e diante de tal contexto é inaceitável que aprendiz seja oprimido, não tendo espaço e nem voz para mostrar aos colegas o seu mundo, o seu modo de vida e seus pensamentos. A escola, fundamentando-se na opressão, estará indo contra todos os seus objetivos de formação de cidadãos.

Assim como um mestre guia o seu discípulo, mostrando o caminho a ser seguido



sendo fonte de inspiração, o docente deve também direcionar seus alunos para o caminho do conhecimento, da sabedoria e da liberdade. O professor deve ser uma referência de ser humano e fonte de inspiração de vida para aqueles que o admiram, no caso os seus alunos. Através da estética da existência, ele será capaz de alcançar esse objetivo. Com a prática do cuidado de si e governo de si, ele poderá constituir a si mesmo, e tornar-se um indivíduo sábio.

## Referências

- CANDIOTTO, Cesar. **Subjetividade e verdade no último Foucault**. Trans/Form/Ação, (São Paulo), v.31(1), 2008, p.87-103. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/dP6ptnMKsWtsqLVmC8c4gCh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- BARCELOS, Adriana Piontkovsky; RABELO, Denise Lima; RODRIGUES, Larissa Ferreira. **Por uma educação que pense a ética e a estética da existência**. Pró-Discente. Vitória, v.1, n.1, p.9-18, jan/jul, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/5710/4158>> . Acesso em: 18 nov. 2023.
- BRANDÃO, Ramon Taniguchi Piretti. **Da estética da existência ao intolerável: por uma ontologia do sujeito**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/46178>>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- FREITAS, Alexandre Simão de. Foucault e a educação: um caso de amor (não) correspondido? In: **Biopolítica, arte de viver e educação**. São Paulo: oficina universitária, 2012. p. 51-76.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FURTADO, Rafael Nogueira. Por um governo de si mesmo: Michel Foucault e a estética da existência. **Paralaxe**. São Paulo. v.1, n.1, p. 51-57, 2013.
- LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.[online]**. n. 19, jan/fev/mar/abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>>. Acesso em 18 nov. 2023.
- MOTA, Fernanda Antônia Barbosa de. O processo formativo do sujeito: governamentalidade e modos de subjetivação como processo de singularização a partir do cuidado de si. **Reflexão E Ação**, 26(2), 27-42. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/11365>> . Acesso em: 18 nov. 2023.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, o mestre do cuidado**. Edições Loyola: São Paulo, 2011.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos : Claraluz, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016